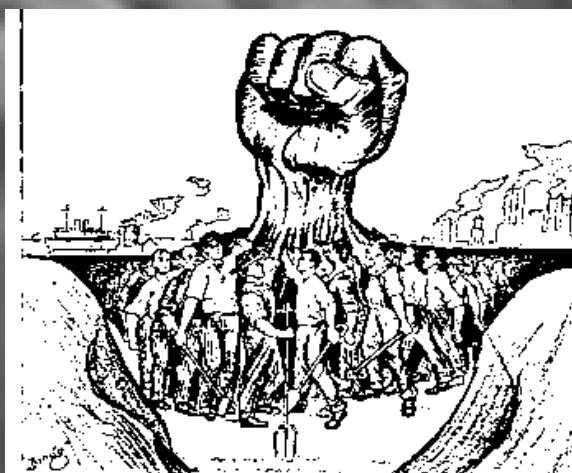


Lucas Maia



***Poema-Manifesto:
Caminhos para uma poesia do futuro***

EDIÇÕES AUTOGESTIONÁRIAS



2010, Lucas Maia.

Capa: Lucas Maia

Diagramação: Lucas Maia

1ª edição

(2010)

Todos os direitos liberados.
Esta edição pode ser reproduzida em partes ou no todo
Desde que se cite a fonte.

Maia, Lucas

POEMA MANIFESTO: CAMINHOS PARA UMA POESIA DO
FUTURO. Lucas Maia. Aparecida de Goiânia, GO: /Edições
Autogestionárias, 2010.42p.

ISBN blá-blá-blá-+-blá

1.literatura brasileira. 2. Poesia. 3. Autogestão Social.

À guisa de introdução

Estes versos, que entrego à crítica agora, destinam-se primordialmente aos trabalhadores e àqueles que com eles querem lutar. São meras impressões. Não devem ser levadas muito a sério. Acredito profundamente, e esta convicção me motivou a escrevê-los, de que sou tão somente um indivíduo que não cabe neste mundo. O capitalismo é pequeno demais para toda nossa humanidade. Toda a tecnologia, as auto-estradas, linhas férreas, complexos industriais, engenharia genética etc. é deveras muito pouco para nossa humanidade.

Acredito que a poesia é uma forma de comunicação. Com as imagens, com as figurações que o discurso poético permite criar, podemos inventar formas viscerais de criticar o existente: o homem burguês, o mundo burguês, a sociedade burguesa. O discurso poético dispõe de certa liberdade de representação que outras formas de expressão da realidade não tem. A representação imagética que criamos tem como objetivo denunciar, criticar e propor.

Por isto, não fazemos coro àqueles que se digladiam em propostas estéticas. É chegado o momento de abandonarmos completamente a independência do discurso artístico. Na ciência, a crítica ao positivismo e à sua tão famigerada proposta de neutralidade axiológica é por demais objeto de severas críticas. Em que pese continue a existir e deveras ser hegemônica dentro da comunidade científica, a demonstração de sua impossibilidade já foi feita de diversas maneiras. O mesmo ocorre com o discurso artístico. Declara-se de diversos modos que os artistas são “livres” para criar, livres para produzirem sua arte. O laboratório do cientista e o ateliê do artista aparecem, nestas mistificações, como torres de marfim onde vivem belas virgens esperando o príncipe encantado que as colocarão novamente em contato com o mundo exterior. Se não existem rapunzéis e belas adormecidas, muito menos existem artistas e cientistas isentos de responsabilidade com suas produções.

A poesia não é sublime. É tão somente uma forma de expressão da realidade. É tão somente uma criação humana. Nada mais, nada menos que uma criação humana. Pretender que ela seja mais do que isto, é postular que ela seja mais do que realmente é. Tal como o cientista produz ciência, o artesão, artesanato, o poeta produz poesia. Nada mais. Pretender algo mais do que isto, é o mesmo que construir uma ideologia, ou seja, falsa consciência sistematizada, tal como escreviam Marx e Engels. Para estes autores, a ideologia surge quando a consciência pensa que é algo mais do que o ser consciente, ou seja, quando aqueles que produzem idéias complexas pensam que suas idéias são mais e independentes do que aqueles que as produzem. Somente neste contexto, quando o produtor de idéias se torna

uma criatura de suas criações, podemos falar que a ideologia domina a produção da consciência.

Tal como diziam Marx e Engels, na sua famosa *Ideologia Alemã*, a consciência é tão-somente o ser consciente. O ser consciente é o ser humano histórico, concreto, envolvido em relações históricas e concretas, ou seja, em relações de produção, circulação, consumo, familiares, institucionais, religiosas etc. Em outras palavras, a consciência é a consciência que o ser tem de si mesmo, de sua vida. Ela não é mais do que ele. É uma totalidade com ele.

Da mesma forma, a poesia em particular e a arte em geral. Elas não podem ser mais do que aqueles que as produzem. Elas não são independentes daqueles que as produzem. A produção poética é simultaneamente um processo individual e social. Social por que o indivíduo é uma totalidade com o mundo no qual nasceu, cresceu e vive. É individual, particular, por que a sociedade em geral não produz poesia, mas sim um indivíduo em particular. Assim, a produção poética é simultaneamente geral e particular, individual e social.

Deste modo, numa sociedade fracionada em classes sociais, os indivíduos que nelas nascem necessariamente se inserem numa ou noutra classe social. Sua mentalidade, valores, concepções são forjadas neste contexto social. Seu modo de vida, os lugares que frequenta, as coisas que come, as músicas que ouve etc. são em grande medida determinadas por sua situação de classe. Naturalmente que alguns elementos intervêm nisto e a realidade concreta é bastante complexa para permitir determinadas interações. Entretanto, o lugar do qual se nasce determina em grande medida quem você é. Naturalmente que um ou outro indivíduo pode mudar de classe: pode ascender socialmente ou o que é mais comum, pode descender socialmente. Isto complexifica um pouco mais a análise, mas não a invalida. A produção material da existência condiciona as formas de consciência sobre ela.

Mas é necessário distinguir duas coisas. Uma é a consciência que uma determinada classe tem de si considerada em certo contexto histórico. Outra é o seu ser desta classe. Marx, analisando a classe operária, afirmou que existe a “classe operária em si” e a “classe operária para si”. Poderíamos dizer, utilizando outra linguagem, que existe o “proletariado empírico” e o “proletariado revolucionário”. O primeiro é o conjunto da classe operária considerada como agente do capital, ou seja, que está a ele submetida, sem esboçar seus interesses de classe. A segunda se desenvolve em determinados momentos históricos, nos quais o proletariado se levanta contra o capital, defendendo seus próprios interesses e apresentando seu projeto histórico de uma nova sociedade: a Autogestão Social.

O poeta em particular e o artista em geral, bem como todo e qualquer ser humano, necessariamente, conscientemente ou não, está de um ou outro lado dos projetos históricos de

classe. Postular qualquer independência, autonomia da poesia com relação aos conflitos e interesses de classe é pura ideologia, ou seja, mentira descarada.

Nos versos que seguem, o leitor não encontrará nada disto. Declaramos em alto e bom som, que nossa *perspectiva é a do proletariado*. Da mesma forma que o proletariado, ao defender seus interesses particulares, liberta a humanidade inteira, acreditamos que, fazendo uma poesia consoante ao proletariado, nada mais estamos fazendo que uma poesia universal.

Nossa poesia é de classe e paradoxalmente humanista e geral. Só há humanismo, onde houver revolução social. Só há revolução social, onde há seres humanos em luta. Quanto mais visceral é a luta proletária, mais humana é existência. Por isto nossa poesia serve incondicionalmente à luta revolucionária do proletariado. Assim, defendo o *fim da poética em si*, ou seja, da poesia como algo separado. Defendo que o mais íntimo do ser humano, aquilo que ele tem de mais recôndito e escondido é um processo amplo e complexo. *Qualquer intimismo é sempre social*. A poesia começa no texto e termina na vida ou talvez o contrário é que se dê, por isto, defendo que a *poesia esteja para além do texto*. Já passamos da hora de criticar a poesia, temos agora é que realizá-la.

Não sei se poeta, não sei se lutador. Talvez um
seja consequência do outro!!!

Para o fim da poética em si

Poema paradoxal

Vede poeta dos bairros bonitos,
Olhai para vossos textos. O que dizem afinal?

Você se encanta com brincadeiras pueris:
Rimas complexas, aliterações, palavras recônditas...
Ah! Belas cacofonias!!!

Ou talvez deixe de lado estas técnicas
E seja um pouco mais radical: cante para todo o mundo seu cotidiano burguês.
Fale da flor e da dor, do amor e do sol, da poesia e da arte...
Torne tudo um adorno de sua vida alegremente poética.
Fazendo isto, será um verdadeiro artista: bobo da corte das classes dominantes.
Brigue com aqueles que defendem idéias estéticas diferentes.
Lute pela arte. Lute pela poesia. Proponha sua estética.
Siga as vanguardas artísticas. Critique as vanguardas artísticas.
Galgue seu espaço. Seja um grande poeta.
Defenda seu quinhão de fama. Seja um verdadeiro artista.

Nada disto é fundamental. Nada disto vale a pena.

Poeta das roupas caras e dos salões imponentes,
Sua literatura está fadada a desaparecer.
Sua poesia morrerá com seu mundo.
Será colocada nas gavetas dos museus
Para as gerações futuras verem a futilidade de nossa cultura.

Somente a poesia realista é perene.
Somente a poesia crua é realista.
Somente o verbo que incita a luta é realista.
Somente a poesia realista pode inventar o mundo com liberdade.

A poesia deve arrancar o leitor do sofá,
Deve levá-lo à ação, ao movimento,
Deve desinstalá-lo completamente,
Deve destruí-lo, fazê-lo sentir, sofrer e agir.

A felicidade não está no poema, mas na luta.
Os poetas que brigam por estética, esquecem-se de lutar.
As mudanças estéticas devem estar a serviço da mudança do mundo.
O verso do poeta deve ser um grito de rebeldia.
O poeta deve lutar para não ser mais um especialista da palavra.

Nossa palavra deve ser contra o mundo.
Contra os opressores e os governos,
Contra o burguês e o burocrata, o mentiroso e o charlatão.
Contra o filósofo, o cientista e o artista (meros especialistas).
Nossa palavra não deve estar a serviço de nenhum deles.

O verso tem que ser real, por que o mundo é real.
O verso tem que ser explosivo, ácido e amolado,
Pois ele deve explodir as relações vigentes,
Deve corroer a moral e a velha consciência,
Deve cortar pela raiz a fonte de todo o poder.

Quando nada mais houver para destruir,
Quando nada mais houver para aniquilar,
Somente aí poderemos falar em poesia livre.
Até lá, a poesia e o poeta devem estar presos à luta pela liberdade.
Grande paradoxo, mas o único possível.

Consciências sobre o mundo

Veja a vida. Veja a vida.

Do cotidiano mais fétido e impuro
Do qual eu e você fazemos parte
Emergem duas visões sobre o mundo.

Uma, diz que tudo é, sempre foi e será com é,
Outra, diz que tudo é, nem sempre foi e irá se transformar.
Olhe o hoje e veja a vida. Veja a vida.

São somente duas formas de ver.
Duas visões sobre o hoje e o amanhã.
Uma vê o amanhã como olha o hoje,
A outra vê o amanhã como algo completamente novo.

Como não há telhado antes das paredes de uma casa,
Também não há visões diferentes,
Sem antes existirem classes sociais diferentes.

Cada forma de ver é uma forma de olhar para si mesmo.
Uns vêem-se como ótimos e eternos,
Outros, vêem-se como humilhados e transitórios.
Pare aqui. Olhe: veja a vida.

Como a visão depende do olho para existir,
As diferentes formas de ver
Dependem do lugar de onde se olha.
Se eu olho de cima, só vejo os de baixo.
Se eu olho de baixo, só vejo os de cima.

Mas um problema complica um pouco as coisas.

Há alguns que estão em baixo, mas olham como os de cima.
Naturalmente é uma visão invertida,
Uma falsa visão sobre o mundo.
Doravante, vamos chamá-la ideologia.

A ideologia dominante
sempre foi a ideologia da classe dominante,
já disse alguém, alguma vez.

A classe que detém o poder material,
Detém também o poder simbólico,
Julga sua forma de ver como natural,
Quem vê diferente, julga ilógico.

A ideologia surge em momento determinado,
Quando a consciência pensa que é além de quem pensa,
Quando surge a divisão do trabalho,
Quando a relação entre as pessoas e as classes se torna tensa.

A partir deste momento,
Quando se desenvolvem interesses diferentes,
Aqueles que dominam, querem manter seu domínio,
Aqueles que são dominados, querem eliminar a submissão.

Deste conflito de várias eras,
À medida que se desenvolve a humanidade,
Criam-se as condições de se eliminar a ideologia,
Visto que uma classe pode eliminar todas as classes.

Com o estabelecimento do capitalismo,
Criando a burguesia e o proletariado,
Uma luta encarniçada entre ambas se desenvolve:
Os capitalistas visando a permanência da exploração
E o proletariado o fim de tudo o que existe.

Naturalmente que a burguesia cria formas falsas de ver o mundo.
A mentira é o recurso que tem para manter-se dominante.
Quanto menos verdades sobre o mundo, mais fácil é dominar.
Quanto menos souber o proletariado sobre si mesmo,
Mais fácil é dominá-lo.

A partir desta questão fundamental
Desenvolve-se a tal ideologia burguesa.
A ciência é seu coroamento.

A ideologia se desenvolve junto com a burguesia.
Esta é sua forma de consciência, falsa, enganosa.

Se a burguesia tem compromisso com a mentira,
O proletariado tem com a verdade.
As suas condições de vida o levam a isso.
Não se trata de um valor meramente moral,
Mas sim de relação concreta, histórica, social.

Quanto menos ilusória for sua consciência,
Mais armas terá para lutar contra os que o oprimem,
Assim, do seio da classe trabalhadora, quando em luta revolucionária,
Emerge também uma teoria revolucionária.

Tal teoria revolucionária é uma forma correta de ver o mundo,
Auxilia a classe operária em seus desígnios,
Não determina de modo algum seu destino,
Nem muito menos é passiva em relação às lutas que se travam.

Tal teoria é a antípoda da ideologia.
Uma se afirma em oposição à outra.
Uma mente descaradamente,
A outra só pode existir se expressar a verdade.

Veja a vida:

De duas classes fundamentais

Emergem duas formas de consciência fundamentais.

Uma que naturaliza o agora, outra que visa superá-lo.

Uma que ofusca a realidade, outra que ama a verdade.

Uma que reproduz a submissão, outra que objetiva eliminá-la.

Uma que é falsa, outra que é verdadeira.

Uma que é ideológica, outra que é teórica.

Assim, não são somente duas formas de ver,

Mas duas formas de existir.

Uma que existe na mentira e na exploração,

Outra cuja verdade é condição de existência.

Totalidade I

Compreender que um pequeno seixo faz parte de toda a dinâmica do rio.
Identificar na queda de uma folha toda a fisiologia da planta,
A mudança das estações, a falta de água, a radiação solar.

Saber que o indivíduo, a família, a escola, o trabalho
São todos momentos do processo da vida social.
Saber que minha psicologia é envolvida na minha inserção econômica.
Saber que minha inserção econômica produz minha sociologia.
Saber que minha sociologia condiciona minha geografia.
Saber que minha geografia é produto da minha história.
Saber que minha história cria minha antropologia.
Saber que minha antropologia não é desligada de minha biologia.
Enfim, saber que nenhuma ciência particular me compreende totalmente
É um ótimo ponto de partida para conhecer a totalidade.

A totalidade não é o tudo.
A totalidade não é um sistema.
A totalidade não é uma coisa que posso pegar com minhas mãos.

A totalidade é uma perspectiva.
É uma maneira de se olhar e apreender a realidade.
É uma ferramenta do pensamento.
Partir da totalidade significa perceber no mundo as conexões imanentes.
Significa compreender que as coisas não existem isoladamente.
Significa ver o mundo como um todo estruturado.

Quem olha a árvore não vê a floresta.
Quem olha a floresta não vê a árvore.
A totalidade exige ambas as coisas.

Ser totalizante implica em perceber as contradições.
Implica em identificar na vida mais estéril do trabalhador,
A força ativa, criativa, o anelo libertador.

A totalidade exige a percepção do existente,
A totalidade exige a percepção do ainda-não-existente.
O todo estruturado, a totalidade, é o que existe,
É, contudo, também a tendência daquilo que ainda pode ser.
A totalidade é aquilo que existe e aquilo que está em vias de existir.

Pobre o cientista que se apega ao empírico e nada conhece sobre o mundo.
Pobre o filósofo que se apega aos conceitos dos conceitos,
Às categorias das categorias e nada compreende sobre as idéias.
As idéias são uma totalidade com o mundo. O mundo é uma totalidade com as idéias.
Minha poesia, seca e dura, cortante e sem voltas, direta e não-alegórica,
É também uma totalidade com o mundo.

Totalidade II

Ah!!

Pudera eu conhecer todas as ciências,
Pudera eu pular do átomo às galáxias,
Da célula ao organismo inteiro,
Do minério à bactéria,
Da bactéria ao fungo,
Do fungo às plantas,
Das plantas aos animais,
Dos animais às sociedades humanas,
Das sociedades humanas ao indivíduo.

Ah!!

Fadiga-me esta busca insana.
Durmo pouco durante às noites.
Saio pouco durante os dias.
Devoro pilhas e mais pilhas de livros.
Procuro a todo momento, a todo instante, alcançar este inalcançável.
Dedico toda minha vida a esta busca.
Alcançarei um dia?
Talvez a busca já seja o resultado.

Elementos para uma poesia militante

A verborragia religiosa e incompreensível domina
O discurso poético.
Quanto menos compreensível, mais interessante o texto.

As rimas pomposas e sofisticadas nunca me excitam.
As palavras obtusas me insofismam.
O texto cantado e liso não me embala.
A poesia da palavra bonita não me encanta.

Quero uma poesia que ofenda,
Uma poesia que corte e doa,
Que fira o coração e a alma.

Quero uma poesia que não deslize as palavras,
Que não esconda o significado sombrio dos símbolos,
Que não tenha compromissos espúrios,
Enfim, que seja livre e lute pela liberdade.

Quero que cada palavra no poema seja um obstáculo ao leitor,
Que cada verso o leve a refletir e pensar.
A poesia não deve fazer o leitor correr com a leitura,
Mas sim, pará-lo a cada palavra, a cada verso, a cada estrofe.

Não é necessário estribilhos esplêndidos,
Mas sim idéias que cortem,
Que exponham ao mundo o que o mundo é.
A poesia deve utilizar as flores como arma e não como objeto de adoração.
A poesia deve utilizar o amor como instrumento de luta e não de contemplação.
A poesia deve gastar a tristeza, a alegria, a angústia desnudando a vida.

A palavra deve expressar o mundo.

Deve levar o leitor a indignar-se, a sofrer, a amar, a lutar.

Qualquer poesia que leve ao imobilismo deve ser desconsiderada,

Posto que o verbo sem ação é o mesmo que um corpo sem vida: **CADÁVER.**

Neo-idiotismo

A poesia, o poeta, a punheta.

A forma que forma formas disformes

É formada na fôrma de uma certa poesia.

O poeta que pensa em termos de forma,

Que punheta poesias sem sentido,

Simplesmente sente a forma, mas não entende o conteúdo.

Quem pensa que forma é poesia, simplesmente não faz poesia.

Mas sim, forma.

Se poesia e punheta coincidem,

Forma e conteúdo são a mesma coisa.

Coisa que não fala coisa nenhuma.

Assim, afora a forma fora do conteúdo,

Temos que: conteúdo ↔ forma. Essência ↔ existência:

Enfim, POESIA ↔ LUTA.

Poema materialista

Tiraram o “proletariado” das canções
Tiraram a palavra exploração da poesia,
Mas continua a existir pelos rincões
A mal fadada mais-valia.

Mais valia falar de coisas existentes,
Pois nem a palavra doce
Nem o verbo amargo são suficientes.

Como diria um poeta:
“Quem fala de amor não diz tudo, quem fala de dor diz demais,
O poeta se torna mudo sem as palavras reais”.

Colocar o mundo em cima de minha mesa.
Olhá-lo, fitá-lo: criticá-lo.
É pouco? É muito!!!

Entretanto, poesia não enche barriga.
Também idéias, sozinhas, não mudam o mundo.

Haverá o tempo de grandes convulsões sociais.
Tempo de novas idéias, novas relações.

Uma nova poesia, de um novo mundo
Parece apontar no horizonte da história. Nela, nos devemos fiar.

Poeta e escravo

Sentido *preciso* de ser poeta:

Aquele que brinca com as palavras

Para que estas sejam armas muito sérias.

Sentido *impreciso* de ser escravo:

Aquele que serve incondicionalmente.

Dadas as premissas,

Conclua do silogismo...

O poema não acaba no texto

A vida começa onde termina a representação!
Ninguém vive por procuração.
A vida, infelizmente, tem que ser vivida.
Quem não a vive, vive na morte.
Ou se vive inteiramente, ou se morre aos poucos.

Como, entretanto, viver totalmente,
Se a vida nos é dada aos poucos
Se a morte nos é doada em partes?

Não há outro modo,
A não ser arrancá-la à força. Mas arrancá-la de quem?
De todo capitalista, que rouba a riqueza e a vitalidade dos trabalhadores.
De todo burocrata, que furta a direção de nossa vida.
De todo latifundiário, que faz da terra propriedade.
De todo machista, que retira a potência feminina.
De toda feminista, que deseja inverter a dominação.
De toda a religião, que deseja controlar nossa morte, logo, nossa vida.
Em uma palavra:
De todo dominador que chafurda na dominação.

A poesia e a arte devem servir à vida.
A poesia, portanto, é um instrumento
Com o qual, forçosamente, teremos de apartar a vida da morte.
A poesia e o poema coincidem: idéia materializada no verbo.

O verbo, contudo, é somente o início da ação.
Com o verbo na língua, a idéia na ação,
A força nas mãos e a coragem no peito
Devemos realizar a poesia: torná-la viva: vida.

A poesia que inspira luta é somente o começo da arte.
Quem deseja que o poema acabe em si,
Que seja fechado e volte para a arte como um mundo em separado,
Realmente não compreendeu nada sobre a criação.

A vida acaba onde começa a representação,
O poema não termina no último verso.
Pelo contrário, continua em cada coração que acredita,
Em cada indivíduo que dispõe de força para a luta,
Em cada grupo revolucionário que não se esconde diante das agruras,
Em cada trabalhador que se ofende e revida,
Em cada miserável que se organiza e resiste.

O poema continua na greve, na manifestação, na guerra civil.
O poema continua na ocupação de terras, na expropriação.
O poema continua nas revoluções do passado,
Cujos fracassos são o laboratório das vitórias futuras.
O poema continua nas revoluções do presente,
Que são o balão de ensaio da derradeira vitória.

Na verdade, o poema começa onde termina o texto.
Ou a vida é a poética da luta,
Ou a poesia não é nada.
Ou a luta é uma poética da resistência,
Ou o poema é um saco vazio.
Onde termina a representação,
Começa a poética da vida.

Intimismo social

Insônia

Meus olhos ardem. Todos dormem.

Violenta-me todo este sono.

Como podem dormir, se tudo está por fazer?

Já deitei fora vinte e duas páginas.

O poema não sai da primeira linha.

Escrevo e re-escrevo sempre o mesmo verso.

A noite não está para boas criações.

Sobre o que escrever? Há tantas coisas:

A vida, a morte, a alegria, a tristeza.

A saudade, o amor, a dor, o desespero.

A fome, a miséria, a exploração, a alienação...

AH!

Já há milhões de páginas sobre tudo isto.

Nada me agrada.

Mas não posso dormir, pois tudo está por fazer.

Os capitães da indústria ainda reinam,

Os ditadores de todos os estados ainda governam,

Os bairros sujos ainda fedem,

As noites violentas ainda mutilam.

Como posso dormir, se tudo está por fazer?

Não é a dor em si que me tira o sono,

Esta é inerente à existência da vida.

Os poetas erraram em lha considerar abstratamente.

Tira-me o sono a dor que pode ser evitada, mas não o é.

A dor do prato vazio sobre a mesa improvisada,

A dor do papelão feito cama,

Do viaduto feito teto,

Da terra feita propriedade,

Da fábrica feita monstro, do estado feito morte,
Da máquina que me ordena, do patrão que me explora.
Tira-me o sono a sociedade burguesa.
Tira-me o sono o conformismo com ela.

Diga-me:

Como posso dormir, se tudo está por fazer?

Aquilo que não se é sendo

“Eu sou o que poderia ter sido e que não foi”

Eu sou o que não se realiza fazendo

Eu sou aquele que ficou quando todos foram,

Aquele que só fez o que lhe mandaram

Aquele que enfim, nunca se completou!

Aos quatro anos sonhava ser meu pai, nunca tive filhos!

Aos sete anos planejava ser bombeiro, nunca vesti qualquer farda!

Aos dez, quis ser jogador de futebol, meus gols não eram de *placa*!

Aos quinze anos, sonhava beijar a Xuxa, casei-me com Antonieta!

Aos dezoito, mais experiente, quis ganhar muito dinheiro, tornei-me professor!

Nunca desejei diários, alunos, provas, escola.

Nunca sonhei com sala de aula, giz e quadro negro.

Nunca imaginei-me enfurnado nestas grutas burocráticas,

Estas máquinas de enformar crianças!!!

No entanto...

Aos trinta anos, ainda professor, era um grande vazio.

Aos quarenta, desejei ser tudo aquilo que não fui.

Aos cinquenta, contentei-me com a em breve aposentadoria.

Aos cinquenta e cinco, sentia-me incapaz de ser tudo aquilo que queria ser.

Embora aposentado,

mais de quarenta anos sendo o que não se quer tirou-me todas as energias.

Uma vida inteira de não-realização,

Toda uma existência de completo vazio,

Décadas e décadas de frustração.

Isso acaba com um homem!!!

Porque enfim, devo ser aquilo que não quero ser a vida inteira?

Porque não posso pescar de manhã, ser poeta à tarde e crítico à noite?

No buraco do mundo, o vazio da vida

O mundo é um buraco sem fim.

Nele, colocamos tudo aquilo que temos de melhor.

Colocamos nosso tempo, nosso espaço, nossa inteligência.

Colocamos nossa energia, nossa potencialidade, nossa ação.

No buraco do mundo, enfiamos toda nossa existência.

O buraco está em todos os lugares.

Ele é tão grande, tão grande, que não conseguimos vê-lo com clareza.

Está na minha frente, dentro deste computador.

Está no meu bolso, nas ondas do celular.

Este buraco é a tela da televisão. É o zunido do rádio. É o instantâneo da internet.

Este buraco é o meu trabalho. É minha escola. É minha produção, é meu estudo.

Este buraco é o meu amor fracassado. É minha casa, alguns amigos.

Neste buraco, eu consumo tudo. Tudo aquilo que posso pagar.

Neste consumo, eu próprio me torno um buraco.

Vou enchendo de mim este buraco.

Quanto mais cheio ele fica, mais vazia fica minha vida.

Quanto mais variado é o buraco, mais vasta é minha vaguidão.

No buraco moderno, cheio de coisas modernas, há a plenitude do vazio.

Na minha vida cheia de vazio, há o sem sentido da existência.

Na minha existência cheia de sem sentido, há o vazio de minha humanidade.

Enfim, no buraco deste mundo, só nos resta o vazio da vida.

Até, claro, que outro mundo irrompa no horizonte...

Meus Vermes

Paro. Sento-me em frente ao espelho.
É difícil ver-me refletido. Só há vermes.
Tudo é vermelho. Há muito sangue.
Meus olhos são poças coloradas por onde nadam vermes oleosos.
De tanto permitir-me ver-me assim, hoje já não posso ver mais nada.

Volto-me aos meus ouvidos.
Ouço o roído dos vermes a devorar-me.
Velhos sons. Tão silenciosos que me arrebatam os tímpanos.
Ouço um lento deslizar. Ouço a digestão deles.
Depois de tanta infâmia que ouvi, agora já não posso ouvir mais nada.

Desespero-me. Tento gritar.
Só sai o silêncio que apodrece.
Vomito algumas dezenas de vermes.
Minha língua, que nunca antes teve coragem de falar,
Agora é uma onda amarela de vermes putrefatos.
De tanto calar-me, já não posso dizer mais nada.

Minha cabeça pesa. Caio resfolegante no chão frio.
De tantos pensamentos que tive, de tantas idéias que pensei,
De tantos projetos que não executei, de tudo o que planejei e não fiz,
Restou-me somente a lembrança.

Mas agora é tarde.
Começo a sentir meus pensamentos, projetos e planos serem digeridos!!!
Tudo o que restou de mim foi o que fizeram de mim: verme. Só há vermes.

Eu já nada mais posso fazer...
E você? Tornar-se-á também um verme?

...

O que vejo no espelho?

O que reflete meu espelho?

Minha imagem, naturalmente.

Consigo ver-me, entretanto, simplesmente olhando o espelho?

Estou lá, mas duvido do que vejo.

Trata-se somente de um espectro:

Muito menos do que já fui um dia,

Muito mais do que esta sociedade me permite ser.

Quem é o espectro?

A imagem no espelho ou o homem sentado à sua frente?

Difícil saber quem é mais falso, melhor, quem é menos verdadeiro.

Diante do espelho, uma representação de ser humano.

Dentro do espelho, a imagem da representação.

Eu sou somente a imagem do grande espelho da sociedade.

Sou um reflexo mal feito do que fizeram de mim.

Sou um espectro que se reflete num espelho particular.

Como ser humano, sou tão falso como minha imagem ali dentro.

Sou falso, mas existo como existe a imagem.

Mas o grande espelho é fraturado.

As imagens nunca são tão perfeitas como as do meu espelho particular.

As fraturas produzem espectros angulosos.

Tais fraturas e tais espectros podem estilhaçar o grande espelho.

Nestas fraturas vejo a possibilidade de recuperar-me

Como um verdadeiro ser humano que nunca fui,

Mas que muito desejo ser.

Só deixarei de ser espectro, quando não mais for um reflexo,

Quando ao invés de reflexo, tornar-me parte ativa do grande espelho,

Quando tomar em minhas mãos o rumo da história,

Quando a vida deixar de ser uma mistificação

E passar a ser o grande prazer da existência.

Só assim, o espelho em meu quarto, tornar-se-á somente um espelho.

Poesia para além do texto

Crônica de um sonho

Pobre aquele que só vê o que os olhos alcançam,
Pobre aquele que só escuta o que os ouvidos ouvem,
Pobre aquele cujo horizonte não alcança o amanhã,
Pobre aquele cujo futuro é olhado com os olhos de hoje.

Está morto o povo sem imaginação,
Está morto o povo que não inventa uma nova vida,
Está morto o povo que não luta,
Está morto o povo que se conforma.

Vive aquele que grita sua voz contida,
Vive aquele que levanta sua bandeira sem medo,
Vive aquele que não teme a luta,
Vive aquele que sofre o sofrimento de todos.

É humano o povo que se levanta junto,
É humano o povo que luta de mãos dadas,
É humano o povo que ama a humanidade,
É humano o povo que combate.

É forte aquele que tem coragem de imaginar,
É forte aquele que não teme a violência dos opressores,
É forte aquele que consegue construir novos caminhos,
É forte aquele que nada contra a correnteza.

É bravo o povo que imagina um novo mundo,
É bravo o povo que edifica novas trilhas,
É bravo o povo cujo horizonte vai além das montanhas,
É bravo o povo que converte imaginação em luta.

O blues da emancipação humana

I

Blues dos operários tristes

Quando a noite se finda no relógio,
De madrugada, desperta o operário.
Em seu rosto um triste olhar funerário,
Em seu corpo: marcas da vida, seu necrológio.

Sai de casa rapidamente, muito acelerado.
Precipita-se no transporte coletivo,
Quentinha na mochila, o seu aperitivo,
Calça jeans, camisa velha, sapato usado.

Cortando a cidade por inteiro,
Deixa para trás o seu subúrbio.
Observa as paisagens do roteiro,
Dorme e sonha com o melhor dos mundos.

A cidade, este horrível monstro de concreto
Engole a todos, ser humano por ser humano,
Sendo o operário seu prato predileto,
Sendo um humano mais humano que outro humano.

Mais algo pior ainda lhe espera.
Por detrás dos portões daquela fábrica
Mil artimanhas de uma monstruosa tática
São elaboradas com um fim bem específico.

Trabalha o homem de modo alucinante
Produzindo aquilo que a muito se produzia
Sendo ele o único produtor de mais-valia,

É sua existência, contudo, a mais degradante.

Sendo ele a fonte de toda riqueza,
É também o poço de toda pobreza.
Sendo ele o alvo de toda exploração,
É em contrapartida o sujeito ativo da revolução.

II

Um blues para a rebeldia

A humilhação e o constrangimento ocorrem todo dia!
Para a obtenção do lucro e do dinheiro,
Explora o capitalista o mundo inteiro,
Mas o trabalhador resiste e canta sua rebeldia!!!

Mata serviço, discute com o gerente,
Quebra o relógio de ponto, sabota a produção.

Mas o trabalhador resiste e canta sua rebeldia!!!

Pára a produção, faz piquete, entra de greve,
Faz protesto, ocupa as ruas, faz manifestação.

Mas o trabalhador resiste e canta sua rebeldia!!!

Faz comitê de greve contra os sindicatos,
Reivindica autonomia, rompe com os partidos,
Rompe com os patrões e com o estado.

Mas o trabalhador resiste e canta sua rebeldia!!!

III

O Blues da liberdade

Na sua luta verdadeira
Criam os trabalhadores a sua própria via:
Criticism os partidos, os sindicatos e a sua burocracia,
Libertando-se, libertam a humanidade inteira.

Quando explode a vaga revolucionária,
Criam os operários suas próprias instituições,
Que são a flama vermelha e incendiária,
Que colocarão fim ao capitalismo e às suas relações.

Surgem por todos os lados, aqui e acolá
Uma onda criativa de realizações,
Criam-se conselhos operários,
O princípio ativo da libertação.

Na autogestão de suas próprias lutas:
Coletivas e igualitárias,
Fermentam as mentes revolucionárias
Que criarão uma nova vida!!!

Não mais dirigentes nem dirigidos,
Não mais burocracias sindicais e partidos,
Não mais estado, patrões e mandatários.
Somente a onda viva de revolucionários,
Somente a vida verdadeira: a Autogestão!!!

Sacudir a poeira da história

Acordem trabalhadores! Acordem pobres do mundo!!

Esta vossa sonolência é uma cinzenta bruma

Que vos impede de ver o mundo como ele é.

Levantem-se! Sacudam a poeira da história.

Retirem o véu que encobre vossa face.

Retirem as vendas que tapam vossos olhos

E olhem o mundo como ele é.

Se vós soubésseis a força que se esconde dentro de vossos corações,

Se vós soubésseis a capacidade de vida por detrás de vossa miséria,

Se vós soubésseis a beleza que se camufla em tanta feiúra,

Se vós soubésseis a potência que se embota nesta fraqueza.

AH! Acordem sofredores do mundo. Levantem-se. Sacudam a poeira da história.

Opúsculo à guerra civil aberta

Do meio da multidão agitada
Vem uma chuva quente e incendiária,
Voam mil coquetéis molotov
De mãos calejadas em ação revolucionária.

Nas ruas dá os braços a multidão!
Expulsam pela força, a força militar!!
Unem-se todos e vários viram um milhão!!!
Agem desconcertadamente, por aqui e por acolá.

Caminham num turbilhão frenético
Abandonando completamente a ordem estabelecida.
Apagam por onde passam toda a vil ferida.
Empurram para o fundo das trincheiras o senil capitalismo.
Num ar libertador de construção e erotismo
Apontam-se os caminhos da nova sociedade.

Do fogo intransigente das barricadas,
Da vida que pulsa em cada coração revolucionário,
Da idéia que se converte em ações racionadas
Emerge a flâmula criativa da destruição.

A síncope completa do capitalismo
É um ato devastador de criações.
Tudo o que existe merece perecer
Para a construção de tudo o que crescerá.

A guerra civil é uma ação arrasadora das massas.
As flores devem destruir o concreto para nascer.
O sol deve irromper no horizonte para aniquilar a noite,
A vida deve abandonar o corpo para que o verme viva.

Da mesma forma os oprimidos
Devem destruir seus opressores
Para que uma vida sem opressão possam criar.

Tudo muda, tudo mudará

Tudo muda, tudo mudará

Tudo muda, tudo mudará

Não tomamos banho duas vezes no mesmo rio,

As águas que banhamos já se foram,

Nós não somos mais o que éramos,

O rio muda e também nós mudamos.

Assim, tudo muda, tudo mudará,

Tudo cambia, tudo cambiará.

Até mesmo a estátua,

Que parada em sua eterna solidão,

Envelhece e perece,

Imagine a vida, que é dinâmica e nunca pára.

Se uma simples bactéria modifica-se com o tempo:

Nasce, cresce, reproduz-se e morre.

O que não faz um ser humano:

Que além disso tudo, tem consciência e potência de ação.

Se do encontro dos gametas vem a vida,

Se do feto vem a criança,

Se da criança vem o jovem,

Se do jovem vem o adulto,

Se do adulto vem o velho,

Se do velho vem a sabedoria,

Imagine o que não vem da ação de tudo o que é humano e se move?

O tempo é um fluir irremediável de tudo o que existe.

Entre o passado, o presente e o futuro há toda a existência do universo.

A existência é o deslocamento no tempo por meio do espaço.

A sociedade que hoje existe não é natural, nem eterna, nem racional.

É uma forma histórica de ser e de existir.

As forças que a trouxeram à vida

Podem ser convertidas em sua *causa mortis*.

A sociedade que hoje existe

Depende da existência de determinadas condições:

Entre mil coisas:

A burguesia e o proletariado se destacam.

A sociedade que hoje existe, o capitalismo,

é tão-somente uma forma histórica,

que como todas as sociedades que já existiram, irá perecer.

Tudo muda, tudo mudará.

Mas o que queremos em seu lugar?

Uma nova forma de exploração? Uma outra sociedade de classes?

Um novo tipo de alienação?

É tempo de pensar o futuro.

É tempo de construir um futuro.

De tudo o que podemos fazer, uma coisa tenho certeza:

Não quero a verdadeira vida para depois da morte, tal como é moda na religião,

Nem quero a liberdade para depois da revolução.

Mas se agora não posso tê-la plenamente, ao menos quero lutar por ela.

A mudança começa agora.

Se tudo muda, tudo quero mudar.

Jogo de cartas

Rei de espadas, guerreiro infame: caia.

Rei de copas, velho cortesão: caia.

Rei de paus: grande idiota: caia.

Rei de ouro: nababo inescrupuloso: caia.

Damas de todos os naipes, simples parasitas: caiam.

Valetes, príncipes inúteis: caiam.

Que se corte toda a corte. Que não fique nenhuma.

Realizar a poesia

Acabar com o poeta *em si*.

Eliminar estes especialistas transeuntes.

A arte em geral não é um fim em si mesmo.

A poesia em particular não existe para si mesma.

A poesia é sempre uma expressão.

Quem a expressa é o poeta.

Tal expressão não copia a realidade,

Mas não existe sem ela.

A poesia é sempre uma invenção,

Mas tal invenção é real e verdadeira.

Parar de viver o mundo como representação,

Começar a vivenciá-lo por inteiro:

Dia-após-dia, noite-após-noite.

Fazer com que as forças sociais que criamos,

Que as instituições que inventamos,

Que as formas de consciência existentes

E tudo o mais deixem de ser um enigma.

Tudo deve passar para nossas mãos, para nosso controle.

Abolir o estado. Temos de inventar novas instituições.

Eliminar os padrões. Temos de criar um novo trabalho.

Queimar nossas escolas. Temos de realizar um novo estudo.

Incinerar o dinheiro e os bancos. Temos de inventar um novo modo de trocas.

Recriar nossas famílias. Temos de fazer um novo homem.

A poesia, tal como a pintamos hoje,

Inventa muito parcialmente o mundo.

Temos de aniquilá-la.

Para inventarmos uma nova poesia,
Temos de fazer um novo homem.
A poesia somente deixará de existir como *poesia em si*,
Quando a *vida em si* for transformada poeticamente.
Antes de eliminarmos o poeta,
Temos de eliminar aquilo que o criou.
Para eliminarmos as relações que o produzem,
Temos de realizar a poesia.

Quando a vida começar a ser controlada por poetas,
Quando todos forem poetas,
O poeta deixará de existir e a vida será uma poesia socializada.